

MIA COUTO

# Poemas escolhidos

*Seleção do autor*

*Apresentação*

José Castello

*6ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

*Apresentação — A palavra e a semente — José Castello* 11

## IDADES CIDADES DIVINDADES

### *Idades*

Idades .....	26
Biografia .....	27
A primeira vez da idade .....	28
A luz da dor .....	29
Rosa .....	30
O espelho .....	31
A lentidão da sede .....	32
A adiada enchente .....	33
Ignorância .....	34
O tempo e seus suspiros .....	35
Desleitos .....	36
Lições .....	37
Biofagia .....	39
Tardio .....	40

### *Cidades*

Errar .....	42
O outro idioma .....	43

O pecado do rio .....	44
Doença .....	46
Desilusão .....	47
Estrada de terra, na minha terra .....	49
Versos do prisioneiro (1) .....	50
Versos do prisioneiro (2) .....	51
Versos do prisioneiro (3) .....	52
Versos do prisioneiro (4) .....	53
Versos do prisioneiro (5) .....	54
Versos do prisioneiro (8) .....	55
Versos do prisioneiro — A sentença .....	57
Versos do prisioneiro — Última carta do preso ao poeta .....	58

### *Divindades*

O amor, meu amor .....	62
Sementes .....	64
Lembrança alada .....	65
Mulher .....	66
Percurso .....	67
Da terra .....	68
Depoimento .....	69
Elementos .....	70
Avesso bíblico .....	72
Cego .....	73
A espera .....	74
A demora .....	75
O beijo e a lágrima .....	77
O poeta .....	79
A condenação .....	81

Identidade .....	86
Trajetos .....	87
Palavra que desnudo .....	88
Primeira palavra .....	89
Desencontro (1) .....	90
Desencontro (2) .....	91
Retorno .....	92
Confiança .....	93
Saudade .....	95
Pergunta-me .....	97
Ser, parecer .....	99
Para ti .....	100
Solidão .....	102
Noturnamente .....	104
Ânsia .....	105
Poema de despedida .....	106
Ave .....	108
Poema mestiço .....	109
Árvore .....	110
(Escre)ver-me .....	111
Protesto contra a lentidão das fontes .....	112
Sotaque da terra .....	114
Promessa de uma noite .....	115
Onze anos, última morte .....	116
Fui sabendo de mim .....	118
Companheiros .....	119
Pequeninura do morto e do vivo .....	121
Carta .....	122

Cores de parto .....	124
Saudade .....	126
Ignorâncias paternas .....	127
Clandestino .....	129
Verniz .....	131
Testamento da mulher suspensa .....	133
O degrau da lágrima .....	136
Tradutor de chuvas .....	138
As ruas .....	139
O bairro da minha infância .....	140
Parto e pranto .....	142
Seios e anseios .....	144
Frutos .....	145
Tristeza .....	147
Pecado muito pouco original .....	148
A coisa .....	149
Flores .....	151
O hóspede .....	152
Poema didático .....	153
Vaticínio da mulher na despedida .....	154
A casa .....	156
Danos e enganos .....	158
Sazonais eternidades .....	159
Dormes .....	160
Janelas .....	161
Fala da mulher que se pensa gorda .....	162
Sementeira .....	164
A pegada .....	165

Medos .....	166
O brinde .....	167
O bojo e o beijo .....	169
Números .....	170
Falta de reza .....	171
Declaração de bens .....	172
O bebedor de sóis .....	173
A cantadeira .....	174
Lembrança .....	175
Beijo .....	176
Hora de visita .....	177
Mudança de idade .....	179
Casa (rio) .....	182
O espreguiçoso .....	184
Aprendiz de ausências .....	186

# Apresentação

## *A palavra e a semente*

José Castello

A poesia de Mia Couto é gerida pela perplexidade. Ela realiza um recuo radical em direção ao passado, perseguindo aqueles momentos originais em que o ser humano se formou. Ao espanto corresponde uma imagem primordial: a da semente. “Agora,/ quero apenas/ o que havia antes de haver vida./ A semente”, o poeta anuncia. Ele não se interessa pelo fruto — que está pronto, acabado, e pode, assim, ser devorado. Ao contrário: sua poesia se ergue contra o consumo voraz do presente. Mia prefere se instalar naquele momento anterior ao fruto, no qual tudo o que temos é um conjunto indefinido, mas potente, de possibilidades. Seus versos acompanham a germinação de nossa história e de nossa identidade. Promovem, também, um desmascaramento do Eu, com seus enganos, suas empáfias e sua vaidade.

O tempo é, por isso, um de seus temas centrais. Talvez, até, o tema central. Atada à passagem do tempo, a poesia de Mia Couto se apresenta, antes de tudo, como um testemunho. Trata-se, porém, de um tempo interior, e não cronológico. Um tempo que, em vez de sincronizar e ordenar, desarruma e desarranja. Perseguidor das origens, o poeta lida com a febre que precede ao conhecimento. Que esboça as ilusões do Eu. Antes de a mente saber, o corpo já

“sabe”. O corpo somatiza aquilo que, só mais tarde, o pensamento consegue capturar. E, ainda assim, só em parte. Só uma parte da existência cabe no poema. A maior parte esbarra no muro das palavras e permanece do lado de fora.

Os poemas de Mia Couto são, antes de tudo, reflexivos e filosóficos. Remetem, porém, não a uma filosofia de escola — com seus conceitos e métodos —, mas, bem mais, à ruminação luminosa que precede a idade verbal. Abordam o ser e a incompreensível dor de existir. Inspecionam as dificuldades de viver. Trata-se de uma poesia que, sem se pretender didática, entra em sincronia com as perguntas que nos fazemos desde o nascimento. A pergunta central, como nos velhos compêndios, mas também nas mentes mais jovens, é: quem sou eu?

Para se aproximar de uma resposta, Mia Couto se coloca em defesa de alguns valores que, no mundo de hoje, retidos nas ilusões do contemporâneo, costumamos desprezar. Defende, por exemplo, a lentidão — quando todos, inclusive o próprio poeta, estamos sempre a correr. Coloca-se a serviço não da descoberta esplendorosa, mas da pura e simples espera. “Simples espera/ daquilo que não se conhece/ e, quando se conhece,/ não se sabe o nome”. Espera que é mais uma emboscada, na qual nos enredamos em nossa própria ignorância. Espera que não chega a ser esperança, é mais uma reverência ao desconhecido.

Sua poesia valoriza, também, a ignorância — o poeta é aquele que procura o que desconhece e, quando enfim encontra, continua a desconhecer. É, portanto, uma poesia que coloca em cena a angústia, isto é, a vigília insone e desconfortável que nos acompanha da infância à velhice.

Mia Couto não escreve para consertar o mundo: prefere o inadequado, o inapropriado, o dissonante. É um poeta apegado ao chão e suas fissuras. “Não, não aprenderei”, ele afirma, ciente de que seus versos não são um instrumento de conhecimento, mas de assombro.

Algo empurra com força o poeta em direção à dureza do chão, onde ele se defronta com a brutalidade do ser. Não se contenta com isso: mesmo desnorteado, ele quer “comer a Vida/ deitando-a entontecida/ sobre o linho do idioma”. Nada lhe escapa, nada repudia ou renega. Devora a vida até o fim — a vida como amante e a língua como leito. Não se importa com a coerência ou com os bons resultados, dois ideais inúteis de nosso mundo contemporâneo. Sabe que está sempre em desalinho com as coisas, que as coisas lhe fogem; que quanto mais as persegue, mais elas lhe escapam. Fica o grande espanto: se a poesia não tem compromisso algum com a eficácia, para que escrever versos? É aqui, abrigado nessa pergunta, que Mia Couto se torna poeta.

Algo o leva a encarar não apenas os defeitos do mundo, mas também a verdade contida no erro. “Na escolinha,/ a menina,/ propícia a equívocos, disse:/ — *Masculino de noiva é navio.* // Reprenderam, riscaram, descontaram.// Mas ela estava certa”. Seu destino de poeta o empurra não só para o erro, mas para a mentira. Escrever poesia é encontrar uma beleza no erro e no defeito. As palavras reviram a face nítida do real, nele rasgando veias profundas que o desmentem, mas também o sustentam. Esse paradoxo se encarna no personagem Afrânio, de “Desilusão”, que não encontra a forma perfeita de morrer e por isso opta por vi-